



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS
CAMPUS DE ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ROSANGELA DOS SANTOS PEREIRA RIBEIRO

AS PRINCESAS NOS CONTOS MARAVILHOSOS CONTEMPORÂNEOS

ERECHIM
2017

ROSANGELA DOS SANTOS PEREIRA RIBEIRO

AS PRINCESAS NOS CONTOS MARAVILHOSOS CONTEMPORÂNEOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus de Erechim, como requisito para obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Carlos Ribeiro

**ERECHIM
2017**

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Ribeiro, Rosangela dos Santos Pereira
AS PRINCESAS NOS CONTOS MARAVILHOSOS CONTEMPORÂNEOS/
Rosangela dos Santos Pereira Ribeiro. -- 2017.
46 f.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Carlos Ribeiro.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
licenciatura pedagogia , Erechim, RS , 2017.

1. Literatura Infantojuvenil. 2. Contos
maravilhosos. 3. Personagens. I. Ribeiro, Prof. Dr.
Roberto Carlos, orient. II. Universidade Federal da
Fronteira Sul. III. Título.

ROSANGELA DOS SANTOS PEREIRA RIBEIRO

AS PRINCESAS NOS CONTOS MARAVILHOSOS CONTEMPORÂNEOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus de Erechim, como requisito para obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Carlos Ribeiro

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi defendido e aprovado pela banca em: 14/12/2017.

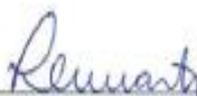
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Roberto Carlos Ribeiro (UFFS/Erechim)



Prof.ª Dra. Zoraia Aguiar Bittencourt (UFFS/Erechim)



Prof.ª Ms. Luana Nunes Martinazzo (Tutti Bambini Ed. Infantil/Erechim)

Dedico este trabalho a Deus, pela condução e coragem durante todo o percurso. À minha família: mãe, esposo, filhos que sempre estiveram junto a mim, incentivando e apoiando-me em todas as minhas decisões para eu alcançar meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me permitir concluir esta caminhada, superando desafios e abrindo, cada vez mais, portas para eu poder exercer esta profissão tão maravilhosa e gratificante que é ser pedagoga. À minha família: minha mãe, Dona Maria, pela compreensão nos momentos mais difíceis; meu esposo, Jenair, meu grande incentivador e amigo; meus filhos, Tiago Rafael e Fernanda, meus maiores presentes, pelo apoio incansável e ajuda em todos os momentos. Agradeço, também, aos demais familiares e amigos, às colegas do curso, Rosicler, Renata, Salete, e às demais colegas que sempre me incentivaram a seguir em frente. A esta universidade e, principalmente, a todos os professores: Marilane, Zoraia, Naira, Jerônimo, Edite, Rodrigo Sabala, Sandra, Ivone, Adriana Richt, entre outros, que contribuíram para o meu crescimento acadêmico. Agradeço, da mesma forma, pela oportunidade de participar do subprojeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-PIBID, uma possibilidade que propiciou a autonomia e a reflexão diante da realidade aliada ao conhecimento teórico-prático, indispensável à minha formação profissional. Em especial, agradeço ao meu orientador, Professor Roberto Carlos Ribeiro, que aceitou orientar o meu trabalho, sempre com muita sabedoria e dedicação em suas contribuições. Admiração pela sua competência e profissionalismo.

“Batalhadora, guerreira, um diamante lapidado por Deus. Toda mulher é uma rainha, eterna princesa, uma flor que necessita de carinho. Sim, elas podem e fazem acontecer.”

(Roni Alves)

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como tema central a nova configuração das princesas na literatura infantojuvenil e como eixo norteador o objetivo de investigá-las nos contos maravilhosos contemporâneos. Para o alcance do referido objetivo, busca-se a identificação e análise das princesas em quatro obras: *O Fantástico mistério de Feiurinha*, de Pedro Bandeira; *Príncipes e Princesas, sapos e lagartos, histórias modernas de tempos antigos*, de Flávio de Souza; *As Belas Adormecidas (e algumas acordadas)*, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta; *Até as princesas soltam pum*, de Ilan Brenman. O estudo associa a pesquisa bibliográfica à análise documental, considerando artigos e livros da literatura infantojuvenil, de autoria de Nelly Novaes Coelho, Fanny Abramovich, Bruno Bettelheim, Antonio Candido, entre outros. De posse das análises, pode-se chegar à constatação de que as personagens são princesas que fogem do perfil estereotipado dos contos clássicos, tornam-se corajosas, autônomas, contribuindo com a independência feminina e ajudando os leitores a superar suas angústias e seus conflitos cotidianos.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil. Contos maravilhosos. Personagens.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	PERSPECTIVAS DA LITERATURA.....	12
2.1	A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA INFÂNCIA.....	12
2.2	O ATO DE CONTAR HISTÓRIAS.....	13
2.3	DA ORALIDADE PARA A LEITURA.....	15
2.4	O TEXTO LITERÁRIO E A INTERTEXTUALIDADE.....	19
2.5	A PERSONAGEM LITERÁRIA.....	22
3	ANÁLISES: AS PRINCESAS E SUAS HISTÓRIAS.....	25
3.1	O FANTÁSTICO MISTÉRIO DE FEIURINHA.....	25
3.2	PRÍNCIPES E PRINCESAS, SAPOS E LAGARTOS: RETRATOS ATUAIS DE PRINCESAS NO TEMPO DOS CONTOS MARAVILHOSOS TRADICIONAIS...29	
3.2.1	O dragão que era lagarto.....	29
3.2.2	Princesa Silvana do reino de Vronka.....	30
3.2.3	Dois beijos: o príncipe encantado.....	30
3.2.4	Sapo dando sopa.....	30
3.2.5	Princesa Úrsula da Bronislávia.....	31
3.2.6	Princesa Linda Laço-de-Fita.....	31
3.2.7	Princesa Nenufar Elfo-Elfa.....	32
3.2.8	Miranda e Leo Lorival.....	32
3.3	AS BELAS ADORMECIDAS E ALGUMAS ACORDADAS: UMA PRINCESA E VÁRIOS FINAIS.....	33
3.3.1	A Bela Encolhida.....	34
3.3.2	A Bela Aquecida.....	34
3.3.3	A Bruxa Estremecida.....	35
3.3.4	A Bela Agradecida.....	35

3.3.5	A Bela Esquecida.....	36
3.3.6	A Bela Refletida.....	36
3.3.7	A Bela Empobrecida.....	37
3.3.8	A Bela Atrevida.....	37
3.3.9	A Bela Readormecida.....	38
3.3.10	A Bela Reflorescida.....	38
3.3.11	A Bela Adormecida.....	39
3.4	ATÉ AS PRINCESAS SOLTAM PUM: PRINCESAS HUMANAS.....	40
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
	REFERÊNCIAS.....	45

1 INTRODUÇÃO

Por meio deste Trabalho de Conclusão de Curso, pretende-se analisar a presença das princesas na literatura contemporânea e como são representadas. Para a referida análise, foram selecionadas quatro obras da literatura infantojuvenil: *O Fantástico Mistério de Feiurinha*, de autoria de Pedro Bandeira; *Príncipes e princesas, sapos e lagartos: histórias modernas de tempos antigos*, de Flávio de Souza; *As belas Adormecidas e algumas acordadas*, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta; *Até as princesas soltam pum*, de Ilan Brenman.

O estudo se justifica pela importância das releituras de alguns temas da literatura infantojuvenil e tradicional, o que se pode verificar nas obras selecionadas.

Entre as leituras feitas, a primeira obra, de autoria de Pedro de Bandeira, foi escolhida pelo fato de representar a princesa dos contos contemporâneos em um cenário urbano. Já a segunda obra, de Flávio de Souza, por representar princesas com atitudes contemporâneas, inseridas no contexto de tempos antigos dos contos tradicionais. A terceira obra, dos autores José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta, em virtude de apresentar uma releitura da princesa Bela Adormecida, com uma estrutura formatada com finais diferentes, possibilitando ao leitor a escolha de um final para a história. De forma distinta, mas complementar, a quarta obra foi selecionada devido ao fato do autor desconstruir os estereótipos de beleza e perfeição das personagens, levando o leitor à reflexão de que as princesas também têm seus defeitos, permitindo-lhe conhecer e compreender melhor o próprio mundo.

O trabalho configura-se em uma pesquisa bibliográfica, com delineamento da análise documental, tendo como eixo norteador o objetivo de investigar como são representadas as princesas nos contos maravilhosos contemporâneos. Isto é, princesas que fogem ao padrão estereotipado de indefesas e frágeis, representadas, nas histórias infantis tradicionais, como seres que se tornam, cada vez mais, corajosas e independentes em suas características.

O presente estudo divide-se em três seções complementares e inter-relacionadas. A primeira seção trata das “Perspectivas da literatura”, na qual são apresentadas as bases teóricas literárias. A segunda seção, “Análises: as princesas e suas histórias”, põe em evidência as leituras, análises e interpretações das personagens princesas. A terceira seção, intitulada “Conclusão”, não necessariamente definitiva, expõe considerações finais a respeito do trabalho como um todo, tendo em vista as contribuições deste para o cenário educacional.

2 PERSPECTIVAS DA LITERATURA

A seguir, são apresentadas algumas perspectivas literárias para embasamento do trabalho de análise das personagens princesas nas obras selecionadas.

2.1 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA INFÂNCIA

Coelho (2000) destaca que a escola é, atualmente, o espaço privilegiado para a formação de sujeitos. Justamente, nesse espaço, é que os livros literários se tornam necessários, uma vez que é imprescindível oferecer aos alunos leituras diversificadas da literatura para que possam melhor expressar suas ideias, aprimorando o desenvolvimento intelectual.

A autora afirma, ainda, que a literatura assume duas frentes: a literária e a pedagógica, dependendo da intenção artística e educativa, pois a mesma serve para “divertir, dar prazer, emocionar [...] e que, ao mesmo tempo, ensina modos novos de ver o mundo, de viver, pensar, reagir, criar [...]” (idem, p.48-49).

Para a autora, a literatura possibilita um caminho que facilita à criança desenvolver criatividade, imaginação, emoção, oralidade e adquirir o gosto pela leitura, contribuindo, assim, para transformá-la em um adulto leitor e um leitor crítico diante da sociedade. Sob tal pressuposto, os estudos literários são fundamentais, pois “[...] estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro [...]” (COELHO, 2000, p.16).

Cabe ao professor, em suas aulas, principalmente na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, mediar a construção de conhecimentos diante da relevância da literatura como formadora da nova mentalidade leitora, influenciando o aluno a partir da leitura e da contação de histórias, possibilitando ao mesmo conectar-se às transformações que ocorrem nos mais diferentes contextos socioculturais. Do mesmo modo, cabe ao professor analisar e interpretar os contos maravilhosos da literatura contemporânea e expandir os conhecimentos de mundo do leitor, facilitando-lhe o entendimento de valores.

A literatura infantil pode, e muito, contribuir em razão das histórias proporcionarem às crianças o contato, de maneira reflexiva, com situações que retratam papéis sociais destinados a homens e a mulheres na sociedade. Por essa entre outras razões, a importância da leitura de

livros da literatura infantil e, do mesmo modo, da infantojuvenil, pois retratam os papéis sociais.

Assim caracterizam-se os contos clássicos e os contemporâneos. E não é por constituir-se em literatura contemporânea que os leitores não podem se encantar pelo maravilhoso mundo dos contos de princesas.

O maravilhoso se mantém, sendo muito importante no desenvolvimento emocional e intelectual das crianças. Por meio da sensação de bem-estar e das emoções que as histórias proporcionam, agindo, de forma inconsciente, através do comportamento e das ações das personagens, as histórias ajudam a solucionar os conflitos internos comuns da infância, muitas vezes, relacionados à família e à sociedade.

Incluir, no cotidiano escolar e familiar, os contos contemporâneos e, em especial, dirigir a atenção às personagens princesas, possibilita aos agentes da escola e da família trabalhar com ações educativas que podem sustentar o desenvolvimento de sentimentos, sensações e emoções, bem como a compreensão de si, dos outros e do mundo.

2.2 O ATO DE CONTAR HISTÓRIAS

Para Blos (2007, p.15, apud TOMAZELLI, 2015, p.10), as histórias percorrem gerações e gerações de famílias desde seu surgimento. Os primeiros registros, de modo semelhante à escrita, não foram feitos em livros, mas em pedras, a partir de desenhos, com a intenção de se deixar registrado o que acontecia naquela época pré-histórica.

Ao referir-se a gerações passadas, por volta dos séculos 16 e 17, a autora afirma que o ato de contar histórias, transmitidas pela tradição oral apenas, era algo que possibilitava satisfação às pessoas e, na maioria das vezes, o surgimento da imaginação e da fantasia. Naquele período, ao escurecer, as pessoas se reuniam para desfrutar das histórias de seus antepassados. As histórias contadas pelos antigos eram frequentes e permaneciam por um longo período na memória dos que as tinham escutado, sendo, comumente, repassadas às futuras gerações.

Durante muito tempo, na história da humanidade, antropólogos dedicaram-se a estudos e pesquisas para descobrirem o porquê da existência do ato de contar e de transferir histórias.

Os narradores de histórias orais sempre foram reverenciados no passado, uma vez que eram eles que traziam o conflito ou a procura dos personagens de sua história descrevia as limitações e as provocações a serem vencidas, enfrentavam o tremor, o risco e a frustração, [...] as narrações bem contadas traziam para mais perto um desejo de um mundo repleto de valores importantes, [...] afim de que as pessoas pudessem sonhar e viver para alcançar seus propósitos seus sonhos. Afinal, todos precisavam das histórias (BLOS, 2007, p.15, apud TOMAZELLI, 2015, p.10).

Em conformidade com a exposição da autora, compreende-se que a narração de histórias surgiu com a necessidade do ser humano de propagar e relembrar a sua origem, completando a sua própria existência de significados. Dessa forma, apoderar-se de uma boa história configura-se no desenvolvimento de uma personagem capaz de se maravilhar pelo novo, pelas descobertas e pelo admirável. Os contos e as histórias possibilitam, pois, essa identificação, de acordo com o que assevera Abramovich (2005, p.28):

Ler histórias para as crianças, sempre, sempre... É suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, e encontrar muitas ideias para solucionar questões - como os personagens fizeram... - é estimular para desenhar, para musicar, para teatralizar, para brincar... Afinal, tudo pode nascer de um texto [...].

Nessa direção, o ato de contar histórias precisa ser encantador e prazeroso, bem como agradar a quem conta e, principalmente, a quem as escuta, como relata Amarilha (2001, p. 20): “[...] a literatura chega à criança, principalmente, pela oralidade”. A primeira afinidade feita pela criança, com história ou conto, é através da oralidade. A criança pode ter seu primeiro contato com as histórias ainda no ventre materno. Durante a gestação, é possível que a mãe conte histórias, instigando, com isso, o gosto prévio pela literatura. Mesmo sem perceber, a mãe incentiva este gosto, dando início à formação leitora.

Freitas e Sisto (2013, p.107) destacam a influência da oralidade, ao afirmarem que “O afeto é a ponte entre o livro e o leitor. E aqui, mais uma vez, a oralidade tem um papel importante na formação desse leitor. É do contador de histórias a voz que guia essa criança no caminho que leva ao gosto pela leitura”.

Assim sendo, a literatura é fundamental na vida das crianças. Desde muito cedo, no ambiente familiar, a partir do incentivo e da contação de histórias, os pais podem desenvolver o hábito de leitura e ampliar a habilidade de ler juntamente com seus filhos. Assim, inconscientemente, as crianças começam a ter desejo pela leitura.

Dessa forma, pode-se afirmar que as crianças que têm contato com os livros, desde muito cedo, têm mais facilidade de se tornarem leitores competentes, pois o interesse em investigar novos materiais de leitura passa a ser frequente no cotidiano. Na escola, essas crianças demonstram, do mesmo modo, facilidade na compreensão dos fatos, diferentemente de colegas que não têm a mesma oportunidade de incentivo à leitura, conforme corrobora Cademartori (2006, p.63):

O livro e a leitura, apresentados à criança nos seus primeiros anos, podem apresentar a ela uma sedutora razão para o esforço empreendido no processo de alfabetização. O papel da literatura nos primeiros anos é fundamental para que se estabeleça uma relação ativa entre falante e língua o que não ocorre sem o envolvimento de afeto e emoções.

Faz-se necessário enfatizar que é, no período pré-escolar, que as leituras orais, clássicas e populares, da mesma forma que a contação de história, podem fazer a diferença no desenvolvimento intelectual. Assim sendo, cabe ao professor, ao planejar suas aulas, levar em conta a realidade de seus alunos e o interesse destes, diversificando o trabalho com textos dos mais variados gêneros, sem deixar de considerar a relevância de um trabalho sistemático de análise e interpretação de textos literários, utilizando materiais, recursos e métodos inovadores, pois, só assim, conseguirá despertar o gosto pela literatura.

Dessa maneira, instigar o desejo e a curiosidade para novas descobertas, por meio do texto literário e, de modo especial, de obras literárias, é uma alternativa eficaz para a transformação de meros alunos em alunos leitores na contemporaneidade.

2.3 DA ORALIDADE PARA A LEITURA

A formação de leitores, desde o início da vida escolar, e até mesmo antes do ingresso a esta, depende de como as histórias são transmitidas, repassadas ou contadas para que se possa gerar envolvimento do aluno com as obras literárias.

Coelho (2000) afirma que, em relação à literatura infantil como agente formador, cabe ao professor se organizar e contribuir para o desenvolvimento da nova mentalidade que vem surgindo. É necessário que ele esteja em harmonia com as transformações que ocorrem no

presente e reorganize seu conhecimento, orientando-se pela literatura, como leitor atento da realidade social que o cerca, como cidadão consciente e como profissional competente.

Segundo a autora, na literatura, encontra-se o aperfeiçoamento do indivíduo a partir de particularidades de personagens de ficção como, por exemplo, heróis que podem ser representados pelas crianças e, quando conduzidos para a vivência diária destas, as imagens modificam-se em personagens modeladores da literatura infantil. Coelho ressalta que a literatura infantil é a arte da linguagem; é capacidade criadora e, através da mesma, é possível representar o mundo por meio da palavra. Ou seja, por meio de uma linguagem especial que divulga conhecimentos humanos e atua sobre a mente, instiga o pensamento, a reflexão e o desejo da criança. Outro aspecto importante é que o adulto, ao deparar-se com a literatura, pode ampliar e transformar os conhecimentos vivenciados.

Segundo Zilberman (2003), a linguagem constitui-se na fundamental ferramenta de mediação entre o contexto em que a criança está inserida e o mundo de modo geral, oportunizando, a partir da leitura, conhecimentos linguístico, textual e de mundo. Sob tal perspectiva, a literatura tem a função de facilitar o desenvolvimento linguístico da criança, favorecendo a compreensão do fictício e permitindo-lhe, por intermédio da fantasia, a aquisição de novos saberes. Assim sendo, a escola tem ampla responsabilidade de ampliar a linguagem tanto oral quanto escrita da criança, preocupando-se com um desenvolvimento verbal.

No entendimento de Aguiar e Bordini (1993, p.14),

A obra literária pode ser entendida como uma tomada de consciência do mundo concreto que se caracteriza pelo sentido humano dado a esse mundo pelo autor. Assim, não é um mero reflexo na mente, que se traduz em palavras, mas o resultado de uma interação ao mesmo tempo receptiva e criadora. Essa interação se processa através da mediação da linguagem verbal, escrita ou falada.

Pelo exposto, depreende-se que ler histórias abre possibilidades de facilitar a comunicação e a transmissão de informações às crianças, sem que as mesmas necessitem de um esforço de pensamento que não seja concreto. Assim, as histórias contribuem para o entendimento do conteúdo ou da mensagem que se quer repassar.

De acordo com Coelho (2000), a literatura abrange diversificados gêneros textuais, dentre eles, fábulas, contos de fadas, contos maravilhosos, romances, entre outros, que transmitem valores do passado para o presente.

A autora enfatiza que a literatura contemporânea colabora para estimular a capacidade criadora dos educandos. Ou seja, a partir da leitura e da contação de histórias da literatura contemporânea, consegue-se a reprodução da realidade, possibilitando, no trabalho docente, a reflexão de cada leitor, em uma afinidade estabelecida entre o eu e o outro.

Ainda, em conformidade com a referida autora, a partir dessa reflexão é que se origina a consciência, a qual facilita o conhecimento de mundo como fator principal da leitura. Reconhece-se, então, a importância de uma orientação para o desenvolvimento da habilidade leitora da criança. Por meio de atividades lúdicas, da contação de histórias, da prática da teatralização, entre outras alternativas pedagógicas, ela consegue estabelecer relações entre o mundo literário e o seu mundo interior, constituindo uma consciência, além de expandir seu relacionamento com o mundo real, com o qual se depara no cotidiano.

É necessário que as crianças aprendam a se posicionar, com segurança, para que consigam agir nas mais diferentes circunstâncias comunicativas, podendo encarar as dificuldades e temores que, por ventura, possam enfrentar, bem como reconhecer e valorizar suas próprias identidades. A literatura pode ser uma forte aliada a esta tarefa de intermediar, pelo encantamento e pela imaginação, a descoberta do sentido da vida.

Sob tal pressuposto, os contos maravilhosos tornam-se adequados ao público infantil, já que a fantasia contribui para a que a criança compreenda sua realidade e o mundo. A fantasia colabora pelo fato de trabalhar, muitas vezes, com o desconhecimento do real, permitindo, através dos sonhos, que a criança organize novas experiências.

Os contos contemporâneos apresentam, em suas narrativas, a presença do maravilhoso, tornando-se um eixo gerador no tratamento de assuntos problemáticos, como a união homem-mulher. A tendência dos contos, na contemporaneidade, é expor, cada vez mais, semelhanças e diferenças dos variados segmentos que fazem parte do cotidiano humano. Um deles é o estabelecimento de semelhanças e diferenças entre a formatação das princesas dos contos clássicos e as mudanças apresentadas pelas novas princesas.

Para Barbosa (2009), a literatura infantil foi criada com a perspectiva de confiança àquilo que as histórias infantojuvenis transmitem à criança, para que esta tenha condições de estabelecer um contato com situações que retratam papéis sociais destinados à mulher na sociedade e compreendê-los de forma reflexiva.

Segundo a referida autora, na maioria dos casos, as histórias são produzidas por adultos e transmitem, de forma consciente ou inconsciente, valores e comportamentos que podem ser assimilados pelas crianças e, por estarem em fase de formação como leitores críticos, podem não assimilá-los, mas desconstruírem preocupações em relação aos apontados

ou reproduzidos pelos escritores. Desse modo, a literatura, mesmo com tantas tecnologias às quais a criança têm acesso, visa enfatizar os valores e significados que podem contribuir com a formação crítica, no decorrer de sua vida, sem deixar de aguçar a curiosidade e atender aos interesses da mesma.

Ainda, conforme afirma Barbosa (2009), na atualidade, torna-se difícil auxiliar a criança a desenvolver a consciência perante os conflitos existentes em sua realidade. Desse modo, é necessário, primeiramente, instruir a criança para que ela possa entender melhor sua realidade, para, assim, tornar-se capaz de compreender os outros, facilitando o relacionamento com estes de maneira significativa. É nesse momento, que a literatura adquire um papel importantíssimo de mediar informações, desenvolvendo a reflexão e a personalidade da criança.

De acordo com a perspectiva psicanalítica, os contos maravilhosos e os contos de fadas contribuem para a formação dessa consciência no leitor infantil, conforme afirma Bettelheim (2007, p.12):

Aplicando o modelo psicanalítico da personalidade humana, os contos de fadas transmitem importantes mensagens à mente consciente, a pré-consciente e à inconsciente, seja em que nível for que cada uma esteja funcionando no momento. Lidando com problemas humanos universais, particularmente os que preocupam o pensamento da criança, essas histórias falam ao ego que desabrocha e encorajam o seu desenvolvimento, ao mesmo tempo que aliviam pressões pré-conscientes e inconscientes.

O sentido da vida, de acordo com o autor, pode ser descoberto por meio dos contos, tendo em vista que os mesmos põem em evidência situações reais da vida da criança. É preciso enfatizar que, para que isso aconteça, cabe à criança tirar suas próprias conclusões da leitura de uma história, com uma visão crítica do que foi lido e extrair o máximo de informações para o amadurecimento das ideias.

Dando sequência à linha de pensamento do autor, percebe-se que, muitas vezes, as histórias modernas registradas para crianças não se assemelham aos contos clássicos, uma vez que estes procuram evitar alguns problemas existenciais. Diferentemente, as histórias contemporâneas retratam questões naturais da vida do ser humano, representadas pela morte ou envelhecimento com naturalidade, enquanto que, nos contos de fada, as histórias iniciam com a morte do pai ou da mãe de uma das personagens principais, procurando evitar que a

criança, ao ler, enfrente um dilema existencial. Por isso, tais questões são apresentadas de maneira breve.

Segundo Bettelheim (2007, p.16):

É característico dos contos de fadas colocar um dilema existencial de uma maneira breve e incisiva. Isso permite a criança apreender o problema em sua forma mais essencial, enquanto que uma trama mais complexa confundiria as coisas para ela. O conto de fadas simplifica todas as situações.

De modo complementar, Barbosa (2009) afirma que as personagens literárias, a partir da literatura tradicional dos contos de fadas, tais como bruxas, fadas, príncipes e princesas, de alguma maneira, sempre estiveram presentes nos textos como símbolos da representação humana.

A partir disso, na modernidade, essas personagens passam a ser desfeitas e inicia-se uma comparação entre os contos de fada tradicionais e os contos contemporâneos. Essa comparação possibilitou, aos estudiosos da literatura, traçar um marco diferencial, principalmente das personagens femininas: princesas, rainhas, fadas e bruxas, identificando como inovação nas narrativas contemporâneas, uma carga emocional, sentimento que decorre do texto literário e que envolve mais o leitor.

A criança, por sua vez, reconhece, por meio de sua imaginação, as dificuldades referentes ao seu próprio desenvolvimento humano, o que lhe permite identificar a verossimilhança de acordo com seu conhecimento e suas vivências, além de lhe possibilitar a compreensão das inquietações pessoais vividas em sua própria realidade.

2.4 O TEXTO LITERÁRIO E A INTERTEXTUALIDADE

Ao mesmo tempo em que se observa o clássico e o contemporâneo nos contos maravilhosos, percebe-se que a diferença entre ambos está na exposição de opiniões e valores referentes a cada época.

A literatura infantojuvenil, a partir desse contexto, contribui com valores que se opõem ao bem e ao mal, ao errado e ao certo, apontando ao leitor um caminho ideal a ser

seguido. Na época atual, os contos surgem com novos valores, mas sem abandonar os antigos, conforme argumenta Coelho (2000 p. 172):

No início dos tempos, o *maravilhoso* foi a fonte misteriosa e privilegiada de onde nasceu a literatura. Desse maravilhoso nasceram personagens que possuem poderes sobrenaturais; deslocam-se, contrariando as leis da gravidade; sofrem metamorfoses contínuas; defronta-se com as forças do Bem e do Mal, personificadas; sofrem profecias que se cumprem; são beneficiadas com milagres; assistem a fenômenos que desafiam as leis da lógica, etc. A forma do conto maravilhoso tem raízes em narrativas orientais, difundidas pelos árabes, e cujo modelo mais completo é a coletânea *As Mil e Uma Noites*[...].

Os contos de fadas, na contemporaneidade, recebem novas composições e tornam-se questionadores em relação à realidade sempre representada, ajudando, com isso, a criança a resolver seus próprios conflitos, além de possibilitar que se torne um ser atuante na busca de alternativas para seus anseios.

Em se tratando da definição do conto de fadas, para Coelho (2000, p. 173),

[...] é de natureza *espiritual/ética/existencial*. Originou-se entre os celtas, com heróis e heroínas, cujas aventuras estavam ligadas ao sobrenatural, ao mistério do além-vida e visavam a realização interior do ser humano. Daí a presença da fada, cujo nome vem do termo latino “*fatum*”, que significa destino [...].

A partir de uma afinidade constituída entre o eu e o outro, é que surge a consciência e esta resulta no conhecimento, tornando-se eficaz na obra literária, de acordo com o que defende a referida autora (idem, p.51): “[...] para que essa importante assimilação se cumpra, é necessário que a leitura consiga estabelecer uma relação essencial entre o sujeito que lê e o objeto que é o livro lido”.

Desse modo, o maravilhoso, no decorrer dos tempos, tornou-se um elemento importantíssimo na literatura indicada às crianças, considerando que, nos contos maravilhosos, são incluídos os eternos dilemas que a criança enfrenta durante o processo emocional de seu desenvolvimento, como já se afirmou. Por intermédio da leitura, “a criança é levada, inconscientemente, a resolver sua própria situação - superando o medo que a inibe e ajudando-a a enfrentar os perigos e as ameaças que sente à sua volta e assim, gradativamente, poder alcançar o equilíbrio adulto”. (COELHO, 2000, p.55).

De acordo com essa premissa, é necessário enfatizar a importância da seleção do material literário e de seus escritores, os quais têm a função de mediar e ajudar os leitores a encontrar o significado da vida a partir da leitura de obras contemporâneas. Uma responsabilidade das instituições família e escola.

Muitas são as relações estabelecidas nos contos maravilhosos, e é diante dessas relações, que o processo de intertextualidade se desenvolve. A partir da influência exercida entre os homens, as informações são resgatadas pela humanidade e renovadas no decorrer dos anos, relacionando conhecimentos atuais aos anteriores.

A intertextualidade, na literatura, se estabelece diante do diálogo elaborado entre os textos, ou entre referências. Assim sendo, um novo texto pode ser criado com base em uma escrita prévia, ou em temas já existentes, de acordo com a concepção de Perrone-Moisés (2005, p.68):

Entende-se por intertextualidade este trabalho constante de cada texto com relação a outros, esse imenso e incessante diálogo entre obras que constitui a literatura. Cada obra surge como uma nova voz (ou um novo conjunto de vozes) que fará soar diferentemente as vozes anteriores, arrancando-lhes novas entonações.

Um bom exemplo de relações intertextuais são os contos maravilhosos visto que, mesmo com o passar do tempo, as temáticas se mantêm e as personagens encantadas seguem fascinando e instigando a imaginação das crianças por muitas gerações. Pode-se afirmar, dessa forma, que os temas, quase que eternos, são relidos nos textos modernos, com reescritura adequada aos novos contextos.

Para Chiappini (2005, p.140),

Se, do ponto de vista do autor, o texto é um trabalho com e sobre a experiência concreta, do ponto de vista do leitor, é uma nova experiência que ele vai viver e transformar, transformando-se, na medida mesma em que incorpora sua essencial novidade a seu mundo de vivências.

Pelas palavras da autora, verifica-se que a intertextualidade tem um papel fundamental no resgate dos clássicos da literatura e da cultura, modificados com certa dosagem de humor, facilitando a maneira de transmitir a mensagem com otimismo e com responsabilidade para a

criança, sem deixar de lhe apresentar possíveis desafios para que a mesma os identifique em sua própria realidade.

Necessário, portanto, como já enfatizado neste trabalho, estabelecer a comparação entre os contos tradicionais e os contemporâneos, tendo em vista que tanto um modelo quanto o outro, ao longo dos anos, ajuda a criança a superar suas angústias e seus conflitos.

2.5 A PERSONAGEM LITERÁRIA

Conforme Cândido (2005), a natureza da personagem varia muito do ponto de vista ou da intenção do autor que narra a história tal como a versão original, ou fazendo uma cópia fiel da realidade que passa a ter destaque somente se for organizada com dados coerentes, como o próprio autor descreve (idem, p.75):

A vida da personagem depende da economia do livro, da sua situação em face dos demais elementos que o constituem: outras personagens, ambiente, duração temporal, ideias. Daí a caracterização depender de uma escolha e distribuição conveniente de traços limitados e expressivos, que se entrossem na composição geral e surgiram a totalidade dum modo-de-ser ,duma existência. ‘Uma personagem deve ser convencionalizada. Deve de algum modo, fazer parte do molde, constituir o lineamento do livro’.

A análise literária, que representa um complemento da vida real, transforma-se na base principal do comportamento das personagens, moldadas a partir da história interpretada em diferentes contextos socioculturais. Para Cândido (2005, p.78), a personagem

[...] está sujeita, antes de tudo, às leis de composição das palavras, á sua expansão em imagens, à sua articulação em sistemas expressivos coerentes, que permitem estabelecer uma estrutura novelística. O entrosamento nesta é condição fundamental na configuração da personagem, porque a verdade da sua fisionomia e do seu modo-de-ser é fruto, menos da descrição, e mesmo da análise do ser isolado, que da concatenação da sua existência no contexto.

Segundo Khede (1986, p.8), a literatura infantojuvenil contemporânea visa apresentar novas características que estão relacionadas a bens culturais. Com isso, o livro passa a se destacar e inserir-se no mercado industrial e de consumo:

Uns possibilitam uma investigação mais imanente do texto. Porém a maioria dos temas permite constatar que os personagens da literatura infanto-juvenil brasileira contemporânea nos levam para a discussão de perfis culturais onde aparecem as questões de sempre: identidade, autoritarismo, ludismo, malandragem, transformação social... E a lista é imensa!

Dessa maneira, os escritores moldam as personagens a partir dos perfis culturais do contexto de cada período, buscando reconhecer a identidade dos leitores.

Para Coelho (2000), a personagem literária passa por uma alteração pela construção de ideias a partir de um fato real ou imaginário, de modo que não existe a ação narrativa sem a presença de personagens, e a missão destas é a de executar as atividades interpretadas. A personagem torna-se, assim, o elemento principal capaz de decidir e alterar a verdade, da mesma forma que se concentra todo o interesse do leitor. Nesse cenário, todos, adultos, adolescentes e crianças, ficam na expectativa em relação aos fatos que acontecem com as personagens, como afirma Coelho (2000, p.74):

*A personagem é uma espécie de amplificação ou síntese de todas as possibilidades de existência permitidas ao homem ou à condição humana. A palavra 'personagem' é oriunda do termo latino *persona*, *al*, nome com que os romanos designavam as máscaras usadas pelos atores gregos em suas representações teatrais. [...] A elucidação etimológica da palavra 'personagem' é importante, visto que nos esclarece quanto à sua verdadeira função dentro processo narrativo (ou teatral): ela tem por função *engrandecer* o (s) ser (es) ali representado(s) [...].*

Em conformidade com o que a autora determina, necessariamente, as narrativas são formadas por três classes: tipo, caráter e individualidade. Na primeira classe, plena, sua construção torna-se modesta e de fácil entendimento para o leitor, pois se relaciona com uma obrigação a cumprir. Para a estudiosa, essas personagens não são verdadeiras, originais, ou seja, são personagens estereotipadas. Suas ações e reações permanecem iguais e são, ao mesmo tempo, transformadas, tais como se verifica em fadas, bruxas, príncipes, princesas,

animais encantados, entre outras personagens, inseridas nos contos de fadas e nos contos maravilhosos.

Para a autora, podem ser personagens que participam das histórias que representam a realidade, relacionadas ao cumprimento de tarefas de trabalho, como velhos, pescadores, crianças, etc. Essa classe plena de personagem é a que mais se destaca na literatura infantojuvenil.

A segunda classe refere-se à personagem-caráter, ou redonda, e torna-se mais complexa pelo fato de reproduzir ações de acordo com os padrões morais. A partir de ideais, surge o resultado das ações que permite o movimento nas narrativas, girando sempre em torno de aspectos relacionados ao caráter, à ética e ao contexto afetivo. Essas personagens são mais evidentes nas histórias tradicionais.

A terceira classe refere-se à personagem-individualidade, própria da criação imaginária contemporânea e põe em evidência o novo homem, com defeitos e qualidades, a partir de estudos psicanalíticos.

Em relação a essas classes de personagens, Coelho (2000, p.76) ressalta:

Assim, a personagem tradicional (de aspecto físico, gestos, ações e sentimentos integrados em uma estrutura coerente e lógica) é substituída pela personagem-individualidade, que se revela ao leitor através das complexidades, perplexidades, impulsos e ambiguidades de seu mundo interior. A personagem-individualidade não pode ser rotulada como boa ou má generosa ou egoísta nobre ou vil, etc.- como acontece com as personagens *tipo* ou *caráter*. Representando o ser humano em diferentes graus de seu mistério interior, a personagem-individualidade é ambígua, exige de seu leitor maturidade de espírito e capacidade de reflexão.

Pelo exposto, depreende-se que a personagem literária é moldada pelos escritores para desempenhar um papel de suma importância, enriquecendo a estrutura literária e contribuindo com a literatura contemporânea, apresentando, como já se afirmou neste trabalho, um novo ser com qualidades e defeitos, abrindo possibilidades para o leitor refletir e superar seus conflitos.

3. ANÁLISES: AS PRINCESAS E SUAS HISTÓRIAS

Nesta seção, são analisadas e interpretadas as quatro obras selecionadas para a composição do presente Trabalho de Conclusão de Curso: *O Fantástico mistério de Feiurinha*; *Príncipes e princesas, sapos e lagartos*; *As Belas Adormecidas e algumas acordadas* e, por fim, *Até as princesas soltam pum*.

3.1 O FANTÁSTICO MISTÉRIO DE FEIURINHA

Bandeira (1991), na obra *O Fantástico Mistério de Feiurinha*, apresenta a história de várias princesas que decidem procurar Feiurinha, uma vez que se encontra desaparecida. O livro de Pedro Bandeira apresenta uma proposta relacionada às histórias de princesas tradicionais. Nele, as princesas parecem mais humanas, mais próximas das pessoas comuns; preocupam-se com a extinção de suas felicidades e, angustiadas, buscam a ajuda do escritor para investigar o sumiço de Feiurinha.

Presencia-se, aqui, uma história que conta com um autor que escreve suas histórias, pois o personagem-narrador é um escritor, e o leitor pode se deparar com o mundo da ficção impressa em papel, o livro. Esta personagem, no momento, está sem inspiração. Não consegue escrever nenhuma boa história ficcional. Esse momento, sem produtividade na escrita, é quebrado pela presença de uma personagem enviada pelas princesas – Caio.

Percebe-se, na obra, uma ligação entre dois mundos: o maravilhoso, das princesas, conectado ao mundo do narrador-personagem-escritor. Uma espécie de túnel do tempo que liga o passado com o presente; o mundo antigo com o mundo atual; o mundo rural com o mundo urbano.

Esse narrador-escritor depara-se, de repente, com algumas personagens daquele mundo tradicional dos livros infantojuvenis: as princesas. Elas chegam para que ele as ajude a encontrar Feiurinha. São elas: Dona Branca de Neve, Dona Cinderela, Dona Rosa Della Moura Torta, Dona Belo-Fera, Dona Rapunzel Encantado e Dona Bela Adormecida Encantado.

A líder da investigação é Dona Branca Encantado. Ao descrevê-la, o narrador apresenta uma personagem um pouco diferente daquela que aparece nos contos tradicionais:

“A Senhora Princesa Dona Branca Encantado! Branca de Neve! Ali, na minha frente! É claro que um pouco mais velha e ligeiramente mais gorda, mais ainda a grande, a incomparável Branca de Neve!” (p.44).

Todas essas princesas estão grávidas de seus respectivos príncipes. Todas, também, mais velhas; com aparência menos bela e menos jovem. Todas próximas de completarem as bodas de prata em seus casamentos. Cada uma com suas características de princesa de seus contos tradicionais, mas com alterações acentuadas pelo tempo e pela vida.

O que se percebe é que aquele mundo tradicional, antigo, agora, está diferente. O mundo mudou, e as princesas também.

Segundo Barbosa, (1982, p. 18):

Os contos modernos parecem, realmente, desconstruir estereótipos. Percebe-se também que o autor desconstrói o papel exercido pela mulher nos contos tradicionais proporcionando um momento para refletir sobre os estereótipos. As personagens femininas eram frágeis e passivas nos contos de fadas clássicos. Temos como exemplo dessa tendência contemporânea, nessa obra, a postura dos príncipes e princesas. Coragem, força e esperteza parecem ser consideradas atributos primordialmente masculinos. O que é lido como natural na masculinidade pode ser lido como não-natural e ameaçador na feminilidade. O “natural” seria que a personagem feminina tivesse seus medos e fosse frágil, características tradicionalmente ligadas ao feminino. Essas histórias, como tantas outras do gênero descrevem as princesas muito mais destemidas, autônomas e não são mais submissas aos príncipes.

Em sua exposição, a autora deixa claro que os contos modernos parecem querer desfazer estereótipos. A autora condiciona a reflexão de que, nos contos clássicos, as personagens femininas desempenham papéis do sexo frágil. E, na obra contemporânea, em análise, as atitudes das princesas são constituídas de coragem, energia e inteligência, características, até então, atribuídas somente ao sexo masculino. A partir desse contexto, as histórias descrevem princesas independentes e não mais obedientes aos príncipes.

De todas as personagens da história de Pedro Bandeira, somente Chapeuzinho Vermelho não é princesa e não está casada com algum príncipe: “Estou cansada de ser solteirona e aguentar aquela vovó caduca. Tenho procurado feito louca, mas só encontro príncipes casados[...]” (p.16). Ela destoa do conjunto da obra, justamente por ser o oposto das outras personagens. No entanto, foi convocada pela Dona Branca Encantado para fazer parte do grupo que investiga o sumiço da princesa Feiurinha. Assim como as outras princesas, Chapeuzinho Vermelho apresenta-se diferente do que era nas antigas histórias maravilhosas,

conforme descreve o autor: “Dona Chapeuzinho sentou-se confortavelmente, colocou a cestinha ao lado (ela não largava aquela bendita cestinha!), tirou um sanduíche de mortadela e pôs-se a comer (aliás, Dona Chapeuzinho tinha engordado muito desde aquela aventura com o Lobo Mau).” (p.14).

A preocupação desse grupo de personagens dos contos maravilhosos é com o sumiço da Feiurinha, mas, também, consigo mesmas. O medo dessas princesas é de que o sumiço da Feiurinha represente um presságio do sumiço de todas elas, princesas dos contos maravilhosos.

A relação das princesas entre si também não é o que se espera de personagens tão distintas das histórias tradicionais. Elas têm ciúmes umas das outras. De vez em quando, chamam-se por apelidos que não são carinhosos, como quando Chapeuzinho Vermelho chama a atenção de Dona Branca, afirmando que, se tem uma coisa que Dona Cinderela Encantado detesta, é ser chamada de gata borralheira. “Sua... sua Gata Borralheira! Aquela era a maior ofensa que alguém poderia fazer para Cinderela.” (p.22).

Outra peculiaridade que se distingue da narrativa tradicional é que as princesas reclamam de dores, como Rapunzel. A princesa se queixa de muita dor de cabeça, pelo motivo de seu marido, o príncipe, esquecer-se de levar a chave da porta do castelo e usar suas tranças para subir. “Não aguento mais de dor de cabeça!” (p.23).

Algumas princesas se apresentam mal-humoradas. Cada princesa conta um pouco de sua história e coloca defeitos nas histórias de suas amigas, como se pode conferir pelo excerto: “Você adivinhou. Dona Bela-Fera Encantado também estava esperando nenê e também ia fazer Bodas de Prata. Só que também bocejando.” (p.28).

Depois de muitas discussões, ciúmes, raivas e fofocas, as princesas conseguem se entender e resolvem partir em busca de Feiurinha, já que esse é um problema que as deixa muito angustiadas e preocupadas.

Segundo Barbosa (1982), Bandeira utiliza a intertextualidade como uma estratégia para modificar a obra original e proporcionar o encontro de personagens famosas de diferentes histórias, com um mesmo propósito: encontrar a princesa e amiga Feiurinha. Com essa estratégia, o escritor procura estabelecer um diálogo intertextual com as narrativas dos clássicos, mas, também, dar sequência às histórias, agregando novos acontecimentos ao finalizá-las.

Para desvendar o desaparecimento da princesa, só há uma solução: conhecer a história de Feiurinha, e como ninguém se lembra da mesma, as únicas saídas são a busca da história nos livros de histórias, ou partir em busca do autor. Caio torna-se o responsável em pesquisar

os grandes autores dos contos de fadas. Ele não encontra nenhum grande autor como Perrault ou os irmãos Grimm, mas encontra um autor chamado Pedro, iniciante e sem informações a seu respeito.

Ao se encontrarem no apartamento do narrador-escritor, as princesas são apresentadas à história de Feiurinha, através da narrativa oral da empregada da casa, Jerusa. É esse “[...] o momento em que Jerusa, serviçal e legítima representante da cultura popular, narra a história da tal heroína, resgatando-a do esquecimento e devolvendo-a à vida” (LUIZ, 2015, p.119). Destaca-se, nesta análise, a importância da presença da empregada Jerusa ao narrar a história da princesa Feiurinha, dando-lhe vida a partir do escritor contemporâneo que, a partir do mistério do desaparecimento da princesa, aproxima as sete grandes heroínas da literatura clássica. Aqui, a oralidade da história é recuperada como fonte da literatura, como em séculos passados, transformada em texto por meio da escrita do escritor.

Com a narração que escutara há mais de setenta anos de sua avó, Jerusa oportuniza a todos: princesas, Chapeuzinho e Caio, momentos de felicidade. A narrativa oral, tradição de tempos imemoriais é o início de uma nova história, assim como fora para todas as outras princesas: “Feiurinha é, na verdade, um relato passado de geração a geração por meio da tradição oral, e que apenas resistiria ao tempo ao ser ‘materializado’ em um texto.” (LUIZ, 2015, p.124). Nesta história, o que se torna visível é a fórmula da produção de tradição oral em tradição verbal escrita, apontando para a perpetuação daquilo que é traduzido para o papel, como é o caso de todas as princesas representadas na história. Elas só permanecem porque alguém escreve suas histórias.

Seguindo a mesma lógica, o autor possibilita ao leitor refletir sobre a ideia de ser feliz, levando-o à constatação de que a ideia de ser feliz para sempre não existe, mas depende de cada um adquirir e manter a felicidade a partir de atitudes positivas. Ele também ressalta a importância da tradição oral. A contação de histórias e a literatura têm a função de ajudar o leitor a descobrir novos significados e atribuir sentido à vida. As princesas são apresentadas por outro ponto de vista; são dinâmicas, à frente de seus problemas, resolvem os obstáculos que lhes são colocados e não são dependentes de seus maridos.

É relevante destacar que as princesas dos contos contemporâneos têm aspectos físicos mais naturais, assumem seus cabelos brancos, apresentam-se um tanto mais gordas e envelhecidas, grávidas, identificando-se com a mulher contemporânea.

3.2 PRÍNCIPES E PRINCESAS, SAPOS E LAGARTOS: RETRATOS ATUAIS DE PRINCESAS NO TEMPO DOS CONTOS MARAVILHOSOS TRADICIONAIS

Na sequência das análises, apresenta-se a obra *Príncipes e Princesas, sapos e lagartos* entre as histórias modernas que remontam os tempos antigos, de autoria de Souza (1996). O autor faz uso da intertextualidade para desmitificar estereótipos. São narradas pequenas histórias, de princesas com suas novas características, as quais se diferenciam dos contos clássicos com temáticas sociais e conflitos, apesar de o cenário remeter a tempos antigos.

As histórias recortadas da obra para análise são: *O Dragão que era lagarto*; *Princesa Silvana do reino de Vronka*; *Dois beijos: o príncipe desencantado*; *Sapo dando sopa*; *Princesa Úrsula da Bronislávia*; *Princesa Linda Laço-de-Fita*; *Princesa Nenufar Elfo-Elfa*; *Miranda e Leo Lorival*.

3.2.1 O dragão que era lagarto

Nesta história, criada por Flávio de Souza, existe uma princesa, que fora presa num palácio de cristal vigiada por um dragão. A única maneira da princesa se salvar é se um príncipe matar o tal dragão. Só que esse príncipe não aparece nunca. O dragão, na verdade, é um lagarto e o seu trabalho é o de protegê-la. Para garantir seu emprego, tem como missão afastar todos os pretendentes. Vários príncipes passam pelo castelo, mas acabam não enfrentando o dragão por medo, piedade ou covardia.

A princesa tem a atitude de enfrentar o dragão. Quando se depara com um lagarto, toma a iniciativa de ir à cidade do reino em busca de um pretendente. Ao dialogar com outras princesas, para sua surpresa, descobre que os príncipes somente querem se casar com princesas difíceis, que estão trancadas em castelos, torres e protegidas por dragões.

Ela, muito determinada, retorna para a torre de cristal, fazendo um acordo com o lagarto. Se ele conseguir ajudá-la a se casar, como recompensa, a princesa o leva para morar no palácio. Com a ajuda e a parceria do lagarto, ela consegue se casar com um príncipe “aquele [que] ao lutar como o dragão (lagarto), sente-se forte, valente e corajoso, tira a princesa da torre e casa com ela, mas sem saber que foi enganado, sem ter seus brios ofendidos e todos vivem no palácio, felizes para sempre.” (NEULS, 2006, p.6).

3.2.2 Princesa Silvana do reino de Vronka

Nesta história, há a princesa Silvana que reside no reino de Vronka e sempre vence o concurso de Miss Simpatia devido ao seu sorriso constante e encantador. No entanto, o que pouquíssimas pessoas sabem é que o seu sorriso, na verdade, tem um defeito. Defeito esse que resulta de um tombo na infância da princesa, que entorta o seu rosto e a deixa com a impressão de estar sempre sorrindo, mesmo quando ela está triste ou quando está chorando.

Com o passar do tempo, seu sorriso foi diminuindo. ”O sorriso que ela via no espelho do banheiro, sempre que ia escovar os dentes, a tornou cada dia mais feliz e a única pessoa que se conhece no mundo que concorda com a frase que diz: “Há males que vêm para o bem.” (p.32).

3.2.3 Dois beijos: o príncipe desencantado

Nesta história, é relevante destacar que o príncipe encontra uma princesa adormecida em sono profundo há mais de cem anos e lhe dá um beijo. Logo após, ela acorda e passa a questioná-lo sobre todos os bens que possui, exigindo dele amas, vestidos e joias.

O príncipe, arrependido, aproveita um momento de distração da princesa, beija-a e ela, em seguida, cai, novamente, em sono profundo. Sua fama de interesseira logo se espalha pelo reino. Todos os príncipes que ali passam, disfarçam, olhando para o outro lado do castelo, evitando acordá-la.

3.2.4 Sapo dando sopa

Esta história tem seu início com uma linda princesa que, ao passar pela lagoa, ouve o sapo cantar a música que chama princesas. A mesma precisa beijar o sapo para que este se transforme em príncipe encantado. Em troca, recebe uma pepita de ouro que vale um milhão, podendo, com isso, comprar um milhão de coisas.

Porém, após o beijo, a princesa transforma-se em uma sapa e o sapo continua sendo ele mesmo. “O sapo sorriu e disse que não tinha problema, porque ele não era um príncipe encantado transformado em sapo, mas um sapo mesmo e tinha cantado a música de chamar princesas só para ganhar um beijo.” (p.35). O sapo elogia-a, dizendo que o beijo da princesa é

muito bom e faz-lhe um convite de casamento. Ela que, no início, mostra-se interessada pela pepita de ouro, passa a gostar do sapo e aceita seu pedido, vivendo, os dois, a partir daí, felizes, no fundo da lagoa, a se beijar.

3.2.5 Princesa Úrsula da Bronislávia

Esta história apresenta a princesa chamada Úrsula. Desde muito pequena, é observada porque não chora, mas ruge. Fora criada sem obedecer às regras e aos limites. Aos seis anos de idade, ela já faz certas exigências e quando não consegue o que almeja, coloca seus pais de castigo. Com muito pouca vontade para os estudos, a princesa passa os seus dias praticando esportes, fazendo ginástica. Aos vinte e sete anos de idade, recebe inúmeras críticas dos moradores de Bronislávia. Alguns moradores do local acham que ela vai ficar para tia, pois está passando o tempo para se casar.

Estressada com tanta pressão, a princesa Úrsula encomenda vinte odaliscas vindas da Arábia. Uma delas cativa a sua amizade e passam a viver felizes e realizadas em seu castelo à beira do mar Nacarado.

3.2.6 Princesa Linda Laço-de-Fita

Esta história descreve o conto de uma princesa com um perfil de beleza apaixonante. Desde o seu aspecto físico até os acessórios que usa, local onde mora, tudo é muito perfeito. A princesa passa seus dias na janela do seu quarto, recepcionando diversos príncipes que têm interesse em se casar com ela. Sentindo-se muito bela, com o passar do tempo, torna-se muito exigente e recusa os pedidos. Com isso, depois de certo tempo, os pretendentes desistem de pedi-la em casamento. A princesa ainda permanece na janela do castelo, um tanto mais velha, na expectativa de um príncipe se aproximar e parar para conversar.

Ao analisar a história, percebe-se que a mesma descreve dados relevantes de uma princesa moldada pelo padrão estereotipado, ou seja, uma princesa perfeita em sua beleza e também em seu contexto. “Tudo que está relacionado a ela é descrito como de uma beleza estonteante, desde as roupas até o castelo e o quarto” (BARBOSA, 2009, p. 5). Porém, o autor finaliza a história de maneira surpreendente. Em vez de um final feliz, ela envelhece sozinha, levando o leitor a questionar o padrão de beleza convencionalizado pela sociedade moderna.

Segundo Borges (2014, p. 27):

A princesa, nesse caso, de tão linda era muito vaidosa com sua beleza. Nenhum príncipe era rico, lindo ou forte o suficiente para se casar com ela. Então, sua personalidade perfeccionista e detalhista a afastou das pessoas e ela ficou sozinha com sua beleza, morreu velhinha, uma linda velhinha. A figura da linda velhinha sugere a reflexão sobre as mudanças provocadas pelo tempo, e modifica a percepção dos valores. Linda, mas sozinha. O estereótipo de beleza nesse conto aparece, portanto, como objetivo de reflexão.

3.2.7 Princesa Nenufar Elfo-Elfa

Muito corajosa, a princesa mora em um castelo, local este assombrado. Suas companhias são fantasmas e amigos desde o seu nascimento, o que leva o leitor a analisar o perfil das amizades, desmitificando estereótipos.

3.2.8 Miranda e Leo Lorival

Nesta história, o autor, de maneira muito criativa, narra o conto de Miranda e Leo Lorival em cinco capítulos. Nas Terras Médias, nos reinos de Velda e Meira, enquanto acontece a Guerra dos Mil e Um Anos, nascem, na mesma noite, o príncipe Leo Lorival e a princesa Miranda. Seus pais fazem um acordo que, ao completarem dezoito anos, seus filhos iriam se casar. Aos seis anos de idade, as crianças se encontram no Parque Central; ao brincarem, apaixonam-se e juram amor eterno.

Depois de quase muitos encontros e desencontros, ficam sabendo do casamento planejado pelos seus pais e ambos não aceitam. Devido a inúmeras situações e imprevistos que acontecem por causa da guerra, o tempo vai passando, e o casal, por obra do destino, encontra-se no parque central, ambos bem velhos; pegam uma carona com um cometa e seguem rumo ao céu para contar histórias.

No conjunto da obra, há presença de várias princesas, cada uma com suas características. A princesa independente e decidida a ir à busca de seu príncipe; a princesa Úrsula que não quer um príncipe, mas sim, uma princesa; a princesa Linda Laço-de-Fita que não consegue se casar e envelhece sozinha; a princesa Silvana, com seu sorriso encantador o tempo todo; a princesa beijoqueira, com interesse na pepita de ouro, que negocia um beijo; a

princesa Nenufar, com sua característica corajosa; a princesa adormecida que, ao acordar, torna-se interesseira; e a princesa Miranda que, apaixonada, só consegue ficar ao lado de seu amado na velhice.

Todas elas são personagens descritas com perspectivas contemporâneas, já que não apresentam traços característicos das princesas dos contos tradicionais, com um padrão de beleza estereotipado, atitudes reservadas e dependentes de seus príncipes, mas sim, princesas com identidades diferentes, que buscam por suas felicidades, enfim, princesas que vivem a vida que querem viver e arcam com as consequências de suas decisões, como afirma Borges (2014, p.32):

A diferença visível entre a descrição das [...] princesas e os valores trazidos pelos príncipes demonstra que assim como as pessoas modificam-se conforme o tempo, as histórias recriam-se. A imagem da mulher foi modificada e também sua posição quanto à relação com o gênero masculino. Novos tipos de relação são (re) criadas pela sociedade e representadas nos novos contos.

Em síntese, o autor das histórias leva o leitor a refletir sobre a atualidade e os diferentes comportamentos sociais. Por conseguinte, verifica-se que, cada vez mais, torna-se complicado auxiliar a criança a ampliar a consciência a respeito dos conflitos que fazem parte do seu cotidiano e de sua realidade. Para tal, faz-se necessário a criança instruir-se para entender melhor suas dúvidas e seus anseios, bem como compreender os outros de maneira significativa.

Diante dessas considerações, é possível afirmar que a literatura tem um papel de suma importância, o de mediar o conhecimento, desenvolvendo a reflexão e o senso crítico contribuindo, assim, para uma melhor qualidade de vida da criança.

3.3 AS BELAS ADORMECIDAS E ALGUMAS ACORDADAS: UMA PRINCESA E VÁRIOS FINAIS

Os autores Torero e Pimenta (2017) buscam a inovação nos contos contemporâneos, recriando a tradicional história A Bela Adormecida, conhecida pela maioria dos leitores.

Os autores possibilitam ao leitor escolher o destino que a história terá a partir de onze finais, cada um com uma princesa Bela diferente. Esse tipo de enredo, com uma história e

vários finais, dá a possibilidade de o leitor manipular a trajetória e o final de cada destino da personagem. Dessa forma, o leitor se sente não apenas coautor, mas interage como um verdadeiro autor, isto é, sente-se criador da própria história que está lendo.

A análise apresentada leva em consideração como as princesas terminam suas aventuras a partir de cada final criado pelo autor e eleito pelo leitor. O início da história é igual à tradicional: uma princesa nasce e, na festa de sua apresentação, a feiticeira da floresta não é chamada. Ela aparece de repente e amaldiçoa a princesa, condenando-a a espetar o dedo em um fuso e dormir para sempre. A festa é salva por uma das fadas que tenta desfazer a maldição. A partir daí, o leitor pode optar um final entre os descritos a seguir.

3.3.1 A Bela Encolhida

Nesta história, o tempo passa muito rápido e a princesa se prepara para comemorar sua festa de quinze anos. Ao acordar, sente um enorme apetite. “Comeu cabrito com bolo, pão com feijão, melancia com batata frita, cereal com macarrão, e, de sobremesa, sorvete com torresmo.” (p.8). Bela continua a comer e se transforma em uma gigante. Seus pais, então, decidem deixá-la do lado de fora do castelo. Muitas pessoas fazem piadas e lhe dão apelidos.

Certo dia, no reino, surge uma nuvem de gafanhotos. Todas as pessoas ficam preocupadas com suas plantações, pois podem ser devoradas, mas Bela come todos os insetos. Muito felizes com o fim da ameaça dos gafanhotos, o rei, a rainha e todos os moradores do reino a cercam e lhe dão um beijo e um abraço. O feitiço se desfaz e a princesa volta a ser como era antes. Para comemorar, em sua homenagem, é oferecida uma festa com frutas e legumes, e ainda, de brinde, ela conhece um cozinheiro bem fofinho; casam-se e vivem felizes para sempre.

3.3.2 A Bela Aquecida

No dia em que comemora o seu aniversário de quinze anos, ao acordar, Bela se depara, para sua surpresa, com os pelos de seus sovacos encostando ao chão. Ao contar e mostrar sua situação para os seus pais, os mesmos tentam ajudá-la, aparando os pelos, mas, em poucos instantes, voltam a crescer. Certas pessoas, ao vê-la, colocam apelidos tais como Novelo de

Lã, Bola de Pelos e, mesmo assim, a princesa continua indo a festas, fazendo uso de sua criatividade com penteados diferentes.

O inverno daquele ano é muito rigoroso. Uma forte nevasca cobre as florestas do reino, fazendo muito frio na primavera e no verão. Diante de tal situação, Bela aparca seus pelos, chama os seus pais e lhes fala: “Façam um casaco.” Mesmo antes de eles saírem de seu quarto, novamente está repleta de pelos. Bela tem, então, uma brilhante ideia: cortar seus pelos e fazer roupas quentinhas para todos. “Durante aquele dia e os seguintes, eles cortaram os pelos de Bela e fizeram casacos, meias, luvas, gorros e cachecóis. As pessoas se cobriam tanto que, no fim, até ficavam parecidas com a Bela.” (p.15). O inverno ainda persiste lá, mas o povo, bem agasalhado, vive feliz e, com carinho, as pessoas lembram-se da princesa, para quem deram o nome A Bela Aquecida.

3.3.3 A Bruxa Estremecida

Chega o dia do aniversário de quinze anos da princesa. Ao passear pelo castelo naquela tarde, depara-se com uma porta que nunca havia percebido. Abre-a logo e encontra uma senhora já de idade que, ali, trabalha com uma roca. Para sua surpresa, a velhinha oferece-lhe um fuso para manusear. Quando, inesperadamente, cai o capuz da senhora, surge a feiticeira da floresta. Com as mãos trêmulas, a feiticeira deixa cair o fuso que vai parar no seu dedão do pé. Volta à sua cabana e começa a manusear uma poção para acabar com o feitiço.

Para finalizar o tal remédio, enquanto mexe a poção, aos poucos, sua mão perde o movimento e, antes mesmo de beber, dá um bocejo enorme que chega a cair no chão. “O feitiço tinha se virado contra a feiticeira. Ela está dormindo até hoje, e sua história ficou conhecida como A Bruxa Estremecida.” (p.18).

3.3.4 A Bela Agradecida

Quando chega o dia do aniversário de 15 anos, a princesa, ao abrir a porta de seu quarto, quase espeta seu dedo no fuso. Sua sorte é que Marilene, sua criada, a chama, dizendo de modo assustado: “Não mexa nisso!”, e logo, partem para a luta corporal com a feiticeira, quebrando a roca em sua cabeça. Por consequência, a malvada, querendo se vingar, olha na

direção de Marilene, com sua varinha mágica, e diz: “Fizeste-me um grande mal e por isso pagarás. Terás um corpo de animal e nele sempre viverás.” (p.21). A partir desse instante, a criada transforma-se em uma cachorrinha branca, com pintinhas pretas, e nunca mais sai do colo de Bela. É cuidada com muito carinho e passa a ser conhecida por todos como A Bela Agradecida.

3.3.5 A Bela Esquecida

Quando chega o dia do aniversário de 15 anos, a princesa, desconfiada, não toca no fuso, pois, desde seu nascimento, escuta a história que, se o tocasse, dormiria profundamente. A bruxa tenta convencê-la de que, se a maldição se completar, a menina terá a possibilidade de ser salva por um príncipe, basta um só beijo. Bela, então, argumenta que ela mesma quer poder escolher o seu amado. “Então Bela tirou um martelo do bolso do vestido e... pou, pou, pou! Estraçalhou a roca.” (p.22).

Em vista disso, sem ter o que fazer, a feiticeira trata de chamar o seu dragão e sai do local de fininho. A princesa se casa com o marceneiro e os dois levam uma vida modesta, porém muito felizes. Enfim, por se tratar de uma história comum do cotidiano, a maioria das pessoas acaba esquecendo-a e, até hoje, a princesa é chamada de A Bela Esquecida.

3.3.6 A Bela Refletida

Quando chega o dia do aniversário de 15 anos, a feiticeira incentiva Bela a colocar o seu dedo na agulha da roca. De maneira ingênua, a menina coloca e, em poucos segundos, em vez de reclamar de dor, ela larga um bocejo. Nesse mesmo momento, Bela adormece e, juntamente com ela, todos do reino.

Bela é sonâmbula; levanta-se e caminha pelo castelo. Sem querer, bate o rosto em um espelho e dá um beijo em si mesma. Bela fica muito satisfeita de ela própria desfazer o feitiço. Ela começa, a partir desse dia, a colecionar diversos tipos de espelhos e passa horas a se observar, rejeitando convites para passear.

Quando se torna rainha, sua primeira atitude é a de construir um enorme castelo todo revestido de espelhos por todos os lados. Como lei, os seus súditos têm que usar um espelho à frente do rosto, de modo que, ao dirigir o olhar para eles, possa enxergar a si própria. “No dia

em que ela morreu, todos tiraram os espelhos, aliviados. E na lápide da princesa foi escrito: Aqui jaz A Bela Refletida.” (p.27).

3.3.7 A Bela Empobrecida

Depois de certo tempo em que o feitiço fora feito para Bela, um humilde camponês, com o nome de Campônio, encontra a princesa e a beija. A princesa desperta, e com ela, todos do castelo. Porém a alegria dura pouco tempo, pois ao observarem o local, percebem que tudo fora danificado pelo tempo.

No entanto, o camponês, generoso com a família de Bela, convida-os para morarem em sua estrebaria, já que sua casa era muito pequena. Nesse cenário, muito simples, a família real instala-se, sendo que, nos primeiros dias, ficam sem fazer nada, somente observando Campônio trabalhar com seu arado, semeando e plantando, entre outros afazeres.

Bela percebe que gosta de todo tipo de serviço. É a primeira a se levantar e a última a deitar. Percebendo tanta dedicação ao trabalho, o camponês logo se apaixona pela princesa, pede sua mão em casamento e ela aceita. Muitas pessoas do reino não conseguem admitir uma linda princesa se casar com um camponês e trabalhar de sol a sol. Por essa razão, é que a princesa passa a ser conhecida como A Bela Empobrecida.

3.3.8 A Bela Atrevida

Certo tempo após a princesa ter espetado seu dedo na roca, o jovem príncipe, Artur Alexandre Augusto Afonso dos Reis, avista a torre do castelo. Ao se aproximar deste, vem ao seu encontro um dragão e os dois dão início a um duelo. A luta permanece equilibrada, mas o príncipe consegue machucá-lo, cortando o seu rabo. Quando o príncipe se prepara para dar o golpe fatal, percebe que o dragão fala. Logo, abaixa a espada e reconhece que poderia ter conversado antes de partir para a luta. O príncipe declara que sempre lera que os dragões são muito malvados e que, ao se deparar com um, teria que matá-lo. Então, o dragão explica que não se deve acreditar em tudo o que se lê e que ele só se encontra no local para proteger a princesa.

O dragão questiona o príncipe se a beijará e se pretende se casar com a princesa, confessando-lhe que, de tanto conviver com Bela, acabara se apaixonando. O príncipe admite

que não deseja seguir essa tradição, pois seu objetivo é viajar pelo mundo todo. Dessa maneira, o dragão tenta convencê-lo de que não se deve fazer uma coisa só porque é costume, tranquilizando-o a seguir viagem e que ele continuará a cuidar da princesa. Sem pensar muito, o príncipe encaminha seu passaporte.

O dragão, ao retornar para ver como a princesa está, dá-lhe um beijo. Nesse momento, ela acorda e pergunta se ele irá matá-la. Ele explica que estava ali todo tempo para protegê-la de qualquer perigo, inclusive dos animais ferozes. A princesa agradece e faz-lhe um convite de casamento. O dragão aceita; eles se casam e são felizes para sempre. Algumas pessoas acham a atitude de Bela errada, mas a grande maioria dos súditos aprova. Daí em diante, ela passa a ser conhecida como A Bela Atrevida.

3.3.9 A Bela Readormecida

Quando completa 15 anos, a princesa é beijada por um jovem que entra no castelo para pedir informações e a encontra. Ao acordar, a princesa questiona quem é ele. O jovem conta-lhe ser um príncipe de uma dupla sertaneja de nome “Príncipe e Mendigo”.

Bela comenta que, devido a estar em sono profundo há mais de mil anos, não conhece a dupla e precisa se atualizar. O príncipe resolve pegar seu violão e cantar para ela. Indignada, com a má qualidade da cantoria do jovem, Bela decide dormir mais um tempo, quem sabe mais uns mil anos. Sem pensar muito, ela espeto o seu dedo no fuso, adormecendo em seguida. O príncipe continua a compor e a cantar músicas. A mais nova foi contando a história A Bela Readormecida, mas que também foi um fracasso em seu repertório.

3.3.10 A Bela Reflorescida

Depois de ter passado um bom tempo, aterrissa sobre a torre do castelo, em um disco voador, vindo do planeta Tralfamador, Ctrlk, um alienígena que não espera encontrar qualquer construção. Curioso, procura conhecer o castelo e encontra Bela dormindo. Ao ajeitá-la em seu travesseiro, a princesa acorda. “Há uma explicação para isso: é que os tralfamadorianos têm lábios na ponta dos dedos, então foi como se ele a tivesse beijado.” (p.40). Em seguida, a princesa, assustada, analisa o alienígena e solta um enorme grito. Ele,

entendendo ser um elogio, retribui até que Bela fica sem voz, mas consegue questioná-lo sobre quem é. Ajustando o seu tradutor de línguas, logo responde ser um turista.

Bela agradece-lhe por estar livre do feitiço, e todos, no castelo, acordam aos gritos e começam a chorar. Ctrlk, por meio de um diálogo, comenta que, em seu planeta, as pessoas não choram, mas buscam estratégias para resolução de suas dificuldades. Coloca-se à disposição para ajudá-la, trazendo algumas sementes. A princesa aceita as sementes, mais as nuvens de chuva. Em pouco tempo, a vida volta ao normal no reino. A princesa casa com o alienígena, eles têm filhos bonitos, porém com longos rabos. Por essa razão, a princesa é conhecida como a Bela Reflorescida.

3.3.11 A Bela Adormecida

No último final do livro, a personagem que desperta a Bela Adormecida é o leitor que lê o livro naquele momento. Em um passeio com os colegas da escola, você (leitor) entra em um castelo, tropeça em uma roca e cai em cima de uma jovem. Um beijo de pura coincidência acorda a princesa. Mas não dá para ser um final feliz para sempre porque você precisa voltar para a escola e, lá, ninguém acredita em sua história. O autor escreve que “[...] não faz mal. O importante é que você nunca vai esquecer a história da Bela Adormecida.” (p.45).

Essas são as princesas apresentadas a partir da história original A Bela Adormecida. Elas transmitem ao leitor mensagens para serem refletidas. A Bela Encolhida permite a reflexão da importância de se ter atitude em ajudar o próximo, praticando o bem sem olhar a quem. A Bela Aquecida possibilita a reflexão de que se deve sempre repartir o que se tem com quem tem menos. A Bruxa Estremecida abre espaço para a reflexão de que não se pode fazer o mal esperando o bem. A Bela Agradecida viabiliza a reflexão de que se deve sempre reconhecer e agradecer favores que os outros fazem. A Bela Esquecida propicia a reflexão de que o importante mesmo é ser feliz do lado de quem se ama, indiferente de quem for. A Bela Empobrecida favorece a reflexão de que hoje se pode ter muito, porém não se sabe o dia de amanhã. A Bela Atrevida oportuniza a reflexão do quão importante é ser independente, autônomo e buscar a felicidade.

Depreende-se, pelas análises, que os autores buscam expor, em suas narrativas, que o sentido da vida pode ser encontrado nos contos, uma vez que a criança pode tirar suas próprias conclusões ao ler as histórias e, com um olhar crítico do que é lido, extrair o maior

número de informações para ter maturidade frente a opiniões, além de, como bem enfatizado, superar suas angústias e seus conflitos.

3.4 ATÉ AS PRINCESAS SOLTAM PUM: PRINCESAS HUMANAS

Brenman (2008) narra, em sua obra, *Até as princesas soltam pum*, a história da personagem protagonista Laura, uma menina muito curiosa. Certo dia, ao retornar da escola, questiona seu pai, se o mesmo tem conhecimento que as princesas soltam pum. Com um gesto delicado, ele responde que sim, as princesas soltam pum. A sua curiosidade vem da turma da escola, pois lá havia ocorrido uma discussão que virou polêmica, sendo que a maioria das meninas achava impossível, mas o seu colega Marcelo afirmara que Cinderela é uma das princesas que solta pum. Seu pai, um bom leitor e com uma biblioteca em sua casa, convida Laura para acompanhá-lo.

Na biblioteca, o pai de Laura, com ar de mistério, apresenta-lhe *O livro secreto das princesas*. Nele, constam segredos de diversas princesas do planeta, inclusive com um capítulo referente aos “Problemas gastrointestinais e flatulências das mais encantadoras princesas do mundo.” (p.14). Em seguida, o pai lhe pergunta com qual das princesas ela prefere iniciar a história. A menina responde-lhe, com convicção, Cinderela. No decorrer da história, o pai conta-lhe a parte em que a princesa, antes do baile, sente-se um tanto ansiosa e, por essa razão, saboreia duas barras de chocolate. No momento da dança, o príncipe força sua cintura e ela solta um pum, bem no momento em que o relógio marca meia-noite. Cinderela sai às pressas e o príncipe nem percebe.

A seguir, Laura indaga sobre Branca de Neve. Seu pai lê que as comidas que os anões faziam eram muito gordurosas. “Quando a madrasta deu a maçã envenenada para ela, não houve nem tempo de experimentá-la: Branca soltou um pum tão fedorento, que chegava a ser tóxico. Ela desmaiou por causa disso.” (p.19). Quanto à Pequena Sereia, o pai conta que ela disfarçava seus problemas gástricos na água que formavam bolhas e, para não ficar tão feio, a culpa toda era atribuída às algas que, segundo ela, costumam arrotar. Por fim, Laura, novamente, pergunta a seu pai, se mesmo soltando pum, as princesas continuam sendo belas. O pai responde: “Claro, filha! Elas são as princesas mais lindas do mundo, mas até as princesas soltam pum. O importante é você não espalhar esse segredo por aí.” (p.25).

Nesta obra, as princesas apresentam seu lado mais íntimo. Essas cenas de princesas soltando pum são inimagináveis em um conto maravilhoso tradicional. Tanto é que Laura

pergunta para o pai se, mesmo assim, soltando pum, elas continuam belas (como nas histórias antigas). E a resposta do pai é afirmativa, elas continuam belas. Há aqui uma relação estreita entre a fantasia das princesas perfeitas e as meninas humanas.

Transpondo a ficção, o lado menos glamoroso das histórias maravilhosas aponta para essa humanização das personagens. Para Silva (2015, p.3), “tal resposta [do pai] conclui a ideia central trabalhada na obra que é desfazer o estereótipo e mostrar que a criança, leitor-alvo, está mais próxima da figura da princesa do que possa imaginar.” A criança leitora se aproxima mais ainda da personagem ficcional quando percebe que elas têm muito em comum. O lado fisiológico humano, representado na história da Cinderela, da Pequena Sereia e da Branca de Neve rompe muros e propõe à criança que ela também pode ser uma princesa, apesar de soltar pum. A imagem de que princesas não são humanas colabora para a criação de estereótipos destrutivos em uma sociedade, conforme sustenta Dias (2012, p.1):

Quando Laura fica surpresa ao saber que as princesas soltam pum, o autor traz um fato presente na sociedade, e que outras obras tendem a fortalecer que é o fato de pessoas belas e boas não realizarem coisa que pessoas “comuns” costumam fazer, como flatular. Dessa forma os famosos, os ricos, os bonitos, na maioria dos contos e até na realidade, são vistos como pessoas educadas e que não fazem coisas que são próprias do organismo humano.

O fato das histórias de princesas serem narradas em livros e, em especial, em um livro determinado, com um pai buscando respostas para a curiosidade da filha, chama a atenção e desperta a curiosidade do leitor. Ou seja, os livros perguntam e também respondem. Um livro ajuda a entender outro livro, numa espécie de intertextualidade. O ambiente da história de Brenman traz uma casa com um pai que tem uma biblioteca, o que não é tão comum, mas quando isso ocorre, muitas crianças se sentem introduzidas ao mundo da leitura. Uma casa com alguns livros é um espaço privilegiado para futuros leitores, de acordo com o que defende Silva (2015, p.3):

O livro procura desconstruir a figura idealizada de uma princesa que seria bonita, educada, perfeita, acima de qualquer necessidade humana aparentemente feia. O que começou com uma provocação por parte de um colega da sala-que aponta um “defeito” na figura espelho das meninas -, é abordado pelo pai de Laura protagonista da história da história não com o objetivo de romper com essa referência, com vontade de ser como as princesas que há em sua filha, mas sim de aproximá-la dessa figura por algo que é natural da própria menina.

A autora percebe que a pergunta levantada na escola pela turma tem um endereço certo. O questionamento de um menino tentando desfazer o mundo fantasioso (espelho) das meninas. Laura recorre ao pai – um menino crescido – para descobrir a verdade das princesas. Nota-se que a mãe não aparece na história. A figura feminina está presente somente nas obras de ficção. É o mundo do masculino – o pai – quem resolve a questão. Ou seja, é o mundo masculino adulto que desfaz a armadilha criada pelo mundo masculino infantil (o garoto, colega de Laura).

Brenman (2008) ressalta a desconstrução de estereótipos de beleza e perfeição, atribuídos pela sociedade. Ele também permite ao leitor refletir que as princesas, até então observadas com um perfil de beleza e comportamentos perfeitos, também têm defeitos. O autor ainda mostra que Laura é um ser real e deve aceitar os seus defeitos e os dos outros, procurando conviver com os mesmos da melhor maneira possível, o que pode servir de ensinamento às crianças de modo geral.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema abordado neste Trabalho de Conclusão de Curso levou em consideração a nova configuração das princesas nos contos maravilhosos contemporâneos, as quais surgem a partir dos contos clássicos, com um padrão estereotipado em suas belezas, indefesas, frágeis, personagens representadas em contos infantis tradicionais.

Ao investigar histórias da literatura contemporânea, a pesquisa desenvolveu-se a partir da leitura, análise e interpretação das obras: *O Fantástico Mistério de Feiurinha; Príncipes e Princesas, Sapos e Lagartos: Histórias Modernas de Tempos Antigos; As Belas Adormecidas (e algumas acordadas); Até as princesas soltam pum.*

Nesse contexto, pode-se conferir o surgimento de princesas mais corajosas e livres em suas características, cooperando com a qualidade intertextual da literatura infantojuvenil. Nas narrativas, a atitude das princesas é formada de coragem, força e inteligência, qualidades, até então, atribuídas ao sexo masculino. As histórias apresentam, a partir desse argumento, princesas autônomas e não mais submissas aos príncipes.

De acordo com o marco teórico de referência, assim como existe a diferença das duas princesas em A Bela Adormecida, no conto clássico e no contemporâneo, os leitores, com o passar do tempo, transformam-se, podendo ou não, seguir os novos exemplos de comportamentos impostos pela sociedade.

Para ajudar na resolução de conflitos humanos, entre outras razões, é que a literatura infantojuvenil se faz necessária. Prova disso são as princesas apresentadas na literatura contemporânea, que surgem como recurso para abordagem, tanto no ambiente familiar quanto no escolar, de temas problemáticos, dentre eles, a união homem-mulher, entre tantos outros temas pertinentes à nossa atualidade.

A personagem literária é moldada pelos escritores para desempenhar um papel de suma importância, enriquecendo a literatura contemporânea, evidenciando um novo homem com qualidades e defeitos e contribuindo, dessa forma, para que o leitor possa superar seus conflitos.

Também é importante enfatizar, ao finalizar este trabalho, que as personagens princesas destacadas nas obras selecionadas estão mais próximas da personagem-individualidade, pois buscam suas identidades pessoais, seus sonhos e seus próprios caminhos, distanciando-se das personagens-tipo que deram origem às histórias contemporâneas. As novas princesas fogem, portanto, da figura engessada da princesa que fica esperando pelo príncipe e só a ele se dedica, esquecendo, muitas vezes, de si própria.

Pode-se afirmar que os contos maravilhosos contêm diversos problemas do cotidiano, com os quais a criança se depara com frequência. São esses contos contemporâneos que facilitam o entendimento de valores tais como: bem/mal, certo/errado, ajudando-a a resolver seus próprios dilemas e construindo a sua personalidade de maneira equilibrada.

Os autores, de acordo com concepções e apontamentos analisados, procuram, em suas obras, narrar que é viável e oportuno ao leitor compreender o sentido da vida por intermédio dos contos, ou seja, da literatura infanto-juvenil. Oportuno, também, destacar a importância da criança extrair suas próprias conclusões, com uma visão crítica do que foi lido, podendo aprimorar seus conhecimentos para amadurecimento de conceitos, de pontos de vista e de opiniões.

Com o objetivo de enfatizar a desconstrução de estereótipos de perfeição e beleza impostos pela sociedade, os autores das obras analisadas levam o leitor a refletir sobre o perfil das princesas no período clássico, estabelecido como perfeito. Diferentemente e de modo comparativo, a literatura contemporânea apresenta transformações, inclusive, defeitos, semelhantes aos seres humanos, como na história *As Princesas soltam pum*.

Trabalhar com os contos contemporâneos e com as personagens princesas viabilizou, neste estudo, a compreensão do quanto os mesmos podem ser utilizados como ferramenta essencial para a família e para o educador reforçarem as descobertas da criança, de si própria e do mundo.

A integração da criança em atividades de leitura e contação de histórias contemporâneas nos contextos escolar e familiar propicia um melhor desenvolvimento emocional e intelectual da criança. Ao iniciar o contato com o mundo imaginário da literatura, a criança pode adquirir o gosto pela leitura, imprescindível em todas as esferas humanas.

Diante do exposto, resta apenas salientar que a literatura infantojuvenil contribui, essencialmente, para formação crítica da criança, futura leitora competente. O tema desenvolvido neste trabalho, além de instigante e agradável, estimula novas leituras, novas análises, enfim, futuros estudos e pesquisas, sempre pensando na contribuição que se pode dar para o processo educativo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2005.

AGUIAR, Vera Teixeira; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as Fadas? Literatura infantil e prática pedagógica**. Natal: EDUFRN, 2001.

BANDEIRA, Pedro. **O fantástico mistério de Feurinha**. 8. ed. São Paulo: FTD, 1991.

BARBOSA, Ângela Márcia Damasceno Teixeira. **Antigos Contos Novas Histórias na Literatura Infantil Brasileira**. São Paulo: Travessia, 1982.

BARBOSA, Ângela Márcia Damasceno Teixeira. **A literatura Infantil e a Construção da Identidade Feminina e Masculina**. V ENECULT- Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador, 2009.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

BORGES, Andréa Keane Lima. **Readequando Estereótipos: Novos Príncipes e Princesas**. Monografia. Catolé do Rocha: PB, 2014.

BRENNAN, Ilan. **Até as princesas soltam pum**. São Paulo: Brinque-Book, 2008.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil?** 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CÂNDIDO, Antonio [et.al.] **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CHIAPPINI, Lígia. **Reinvenção da Catedral: língua, literatura, comunicação: novas tecnologias e políticas de ensino**. São Paulo: Cortez, 2005.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

- DIAS, Camila. **Análise do livro: Até as princesas soltam pum.** Bahia: Pet Pedagogia UFBA, 2012.
- FREITAS, Tino; SISTO, Celso. **A história fora do papel: a oralidade e multiplicação dos espaços.** Passo Fundo: Ed. UPF, 2013.
- KHEDE, Sonia Salomão. **Personagens da Literatura Infanto-juvenil.** São Paulo: Ática, 1986.
- LUIZ, Fernando Teixeira. Desvendando o Mistério de Feiurinha: uma proposta de leitura para a narrativa de Pedro Bandeira. **Trama**, Marechal Cândido Rondon, PR, vol 2, 2015.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Texto, crítica, escritura.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- NEULS, Janaína Souza. **Contos de fadas modernos: ensinando modos de ser homem e mulher.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 7- Gênero e Preconceitos. Anais. Florianópolis: EDUFSC, 2006.
- SILVA, Claudia Jamille da. **Reflexões sobre dialogismo e contação de histórias: recepção da obra até as princesas soltam pum.** 8º Congresso de Extensão Universitária da UNESP, 2015.
- SOUZA, Flávio de. **Príncipes e princesas, sapos e lagartos: histórias modernas de tempos antigos.** 6ª edição. São Paulo: FTD, 1996.
- TOMAZELLI, Alessandra Zahn. **Literatura Infantil: A contação de histórias enquanto ferramenta auxiliar no desenvolvimento do gosto pela leitura.** Monografia. Erechim, 2015.
- TORERO, José Roberto; PIMENTA, Marcus Aurelius. **As Belas Adormecidas (e algumas acordadas).** São Paulo: Companhia das letrinhas, 2017.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura Infantil na Escola.** 11. ed. São Paulo: Global, 2003.